

# Peregrinação a Santiago de Compostela: memórias e narrativas

## Pilgrimage to Santiago de Compostela: memories and narratives

Valdinei Trombini

*Professor do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo – São Roque – SP, Doutorando em Comunicação na UNIP – Universidade Paulista – SP. E-mail: v-trombini@ifsp.edu.br*

Sílvia Sena Lima

*Professora da Universidade Paulista – UNIP – São Paulo – SP Mestranda em Comunicação na UNIP- Universidade Paulista – São Paulo-SP E-mail: senaflor@gmail.com*

### Resumo

*Através das narrativas extraídas de comunicações expressas via Facebook, esse artigo objetiva analisar as experiências narradas sobre a peregrinação do Caminho de Santiago de Compostela. A problemática central reside em como esses peregrinos construíram as suas narrativas após terem percorrido o Caminho de Santiago de Compostela pela rota Francesa. Embora existam vários caminhos oficiais que levam à Compostela, temos como objeto de estudo o Caminho Francês que se inicia ao norte da França, na pequena cidade de Sant Jean Pierd Port, pois é o mais tradicional e reconhecido. O corpus se constitui nas postagens de peregrinos feitas no grupo público do Caminho de Santiago de Compostela, que foi criado em 2011 na plataforma Facebook, tendo aproximadamente 31.708 membros brasileiros pertencentes a classe média brasileira realizadas em outubro de 2019, mês que se comemora o dia do Peregrino. O percurso metodológico que adotamos neste trajeto é o qualitativo que se apoia na análise das respostas dos peregrinos. Nossa hipótese é a de que o aumento da peregrinação pela classe média brasileira para o Caminho de Santiago de Compostela, relaciona-se com a busca de um sentido para o autoconhecimento, que não apenas é experienciado, como também relatado em narrativas que conferem um ordenamento reflexivo ao indivíduo. Pergunta-se: O que dizem essas narrativas? O que expressam esses conteúdos narrativos sobre a peregrinação? Como resultado, consideramos que esses relatos narrados, possuem um importante papel de mediação, sobretudo à medida que ajudam a identificar, selecionar e interpretar os fatos, além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta. O critério de escolha dos relatos dos peregrinos, foi através da observação das expressões feitas pela classe média através dos relatos textuais no aplicativo, permitindo a análise dessas narrativas. Foram coletados comentários onde foi evidenciada a busca de um sentido e os diversos horizontes abordados pelos peregrinos. Nesse íterim, objetivamos também delinear as motivações que levaram a realização da peregrinação, com base nas entrevistas e testemunhos coletados. Narrador, espaço, personagens e tempo relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória. Como referencial teórico utilizamos, Walter Benjamin (1994), que dará suporte às narrativas, aos tipos de narradores e à relação direta com o fato de narrar; Sandra de Sá Carneiro (2004), que apresenta o significado e os sentidos de uma peregrinação na modernidade; Maurice Halbwachs (1990), que defende a memória individual como social, porque todas as lembranças trazem consigo parte de uma memória coletiva; Carlos Alberto Steil (2010), que afirma o papel da experiência da peregrinação na configuração dos sentidos. Concluímos que a necessidade de se narrar o que foi vivenciado no caminho para muitos peregrinos, relaciona-se com a busca de um sentido para o seu autoconhecimento, que não apenas é vivido como experienciado através da peregrinação lhe conferindo um ordenamento reflexivo.*

### Palavras chave

*Memórias, Narrativas, Peregrinação, Caminho de Santiago de Compostela*

## Abstract

*Through the narratives extracted from communications expressed via Facebook, this article aims to analyze the narrated experiences about the pilgrimage of the Camino de Santiago de Compostela. The central problem lies in how these pilgrims built their narratives after following the Camino de Santiago de Compostela along the French route. Although there are several official paths leading to Compostela, we have as our object of study the French Way that begins in northern France, in the small town of Sant Jean Pied Port, because it is the most traditional and recognized. The corpus is made up of pilgrims' postings made in the Camino de Santiago de Compostela public group, which was created in 2011 on the Facebook platform, with approximately 31,708 Brazilian members from the middle class held in October 2019, the month commemorating the day of the Pilgrim. The methodological path we adopt in this study is the qualitative one that is based on the analysis of pilgrim responses. Our hypothesis is that the increase in the pilgrimage by the Brazilian middle class to the Camino de Santiago de Compostela is related to a search for a meaning for self-knowledge, which is not only experienced, but also reported in narratives that confer a sort of reflexive order to the individual. What do these narratives say? What do these narrative contents express about pilgrimage? As a result, we consider that these narrated accounts play an important mediating role, especially as they help to identify, select and interpret facts, as well as being a possibility to organize, analyze, criticize, subvert, transform and even replace the concrete experience. The criterion for choosing the pilgrims' reports was through the observations of the expressions made by the middle class through the textual reports in the application, allowing the analysis of these narratives. We collected the comments that evidenced the search for meaning and also the various horizons addressed by the pilgrims. In the meantime, we also aim to outline the motivations that led to the pilgrimage, based on interviews and testimonies collected. Narrator, space, characters, and time relate to the purpose of producing meaning and memory. As a theoretical reference we use Walter Benjamin (1994), who will support narratives, types of narrators and the direct relationship with the fact of narrating; Sandra de Sá Carneiro (2004), which presents the meaning and the senses of a pilgrimage in modernity; Maurice Halbwachs (1990), who defends individual memory as social because all memories bring with them part of a collective memory; Carlos Alberto Steil (2010), who affirms the role of the pilgrimage experience in the configuration of the senses. We conclude that the need to narrate what was experienced on the way for many pilgrims relates to the search for a meaning for their self-knowledge, which is not only lived but experienced through the pilgrimage, giving it a reflexive ordering.*

## Keywords

*Memories, Narratives, Pilgrimage, Camino de Santiago de Compostela*

## Introdução

Se fazer entender e expressar cada vez mais o que pensa e o que fala é uma busca que o ser humano apresentou sempre no seu entendimento enquanto ser comunicativo. A humanidade está em constante movimento de expressão e tenta fazê-lo de maneira inteligível e expansível. Esse caminho percorrido, coincide também com aquele demonstrado na busca de uma forma de comunicação, no sentido de tornar comum aquilo que se sente, pensa ou aprende através também, das trocas acontecidas no interior de sua vida em sociedade. O surgimento da escrita “não abre somente uma nova era, a era da civilização escrita, traz consigo também uma espécie de higiene do pensamento” (FABRE, 1980, p.23).

As narrativas como produtos culturais materializam perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário e tem grande relevância no papel de mediação, sobretudo à medida que ajudam a identificar, selecionar e interpretar os fatos, além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, transformar e até substituir a experiência concreta. Narrador, espaço, personagens e tempo relacionam-se com a finalidade de produzir sentido e memória. Narrar vai desde as inscrições

mais antigas, passando pelas narrativas orais, nas quais a necessidade dos corpos presentes, tanto o do narrador quanto os dos ouvintes, concedia ao narrar um caráter ritualístico e essencialmente comunitário, vinculado à experiência do estar juntos no aqui e no agora, compartilhando o mesmo tempo e o mesmo espaço.

Benjamin (1994) descreve dois tipos de narradores, o tradicional, que conhece em profundidade os fatos e as histórias locais, por nunca ter deixado a sua comunidade; e o viajante, aquele que vem de terras distantes e traz novas experiências. Ambos possuem uma relação vivencial direta com o fato a ser narrado, porém, o narrador tradicional está ligado a uma extensão ampla de tempo, pois percorreu períodos distintos de um espaço restrito para acumular o seu saber, enquanto o narrador viajante se relaciona com uma maior amplitude de espaço, já que percorreu grandes distâncias, entre as quais dividiu distintas parcelas de tempo, a fim de guardar o seu conhecimento. O que ocorre, portanto, é que a narrativa se faz possível pela vivência e pelo acúmulo da experiência através do tempo ou através do espaço. Já na era do compartilhamento e da reprodução frenética de posts, nas contemporâneas redes sociais digitais, o narrar pode se converter em imediatismo, instantaneidade, expressas por curtidas e comentários empreendidos por indivíduos isolados e em constante estado de alerta. Não cabe aqui polarizar a interferência das novas práticas comunicacionais, regidas pela tecnologia digital. O que se pretende discutir são as possibilidades comunicacionais a partir da experiência da peregrinação, retratada nas narrativas publicadas no grupo público do Facebook do Caminho de Santiago de Compostela.

Nas redes sociais digitais, as narrativas sobre peregrinação se multiplicam e são acessadas tanto por aqueles que já experimentaram a prática de peregrinar quanto pelos que desejam obter informações sobre rotas, o que levar, o que esperar, por vontade de se lançar na aventura ou simplesmente por curiosidade. O Caminho de Santiago de Compostela, uma das rotas mais tradicionais da religião católica, tornou-se um dos principais centros de peregrinação dos brasileiros no exterior, sendo recriada em diversas cidades brasileiras. Através das redes sociais e principalmente pelo Facebook, constatou-se que o número de brasileiros que solicitaram e receberam a credencial ou passaporte até 2018 era de 36.465, com sua totalidade na classe média brasileira.

É neste contexto que se situa o objeto deste trabalho, as narrativas produzidas a partir de experiências relacionadas à peregrinação. O que se busca aqui investigar é o modo como se narram estas experiências, discutindo-se as possibilidades de produção de sentidos a partir daquilo que é narrado. Entende-se que, a partir de uma leitura destas narrativas, pode-se obter pistas sobre o mundo contemporâneo e a experiência da peregrinação, também sobre a natureza do narrador, os enredos mais frequentemente narrados e suas tramas, bem como o leitor ideal esperado e o que se pretende comunicar ao narrar a experiência da peregrinação.

## **Peregrinação e Memória**

Considerada uma das mais antigas rotas de peregrinação do mundo, o Caminho de Santiago de Compostela é conhecido pelas suas histórias, lendas e místicos rituais, percorrido ao longo dos tempos por peregrinos de todas as partes do mundo. Na realidade, não há apenas um caminho e sim vários, sendo o mais conhecido e tradicional, o caminho Francês cujo o ponto de partida é na pequena cidade a sudoeste da França chamada Saint Jean Pied de Port localizada na região administrativa da Nova Aquitânia no departamento dos Pirinéus Atlântico, e cujo ponto de chegada é a cidade de Santiago de Compostela, na região da Galícia, Espanha. Segundo a tradição, ali repousam os restos mortais de Tiago Maior, um dos doze apóstolos de Jesus, guardados numa arca de prata no porão da catedral dedicada ao santo.

Se na idade média, inúmeros peregrinos fizeram este caminho em busca de indulgência; na contemporaneidade, a peregrinação não apenas é feita por motivos religiosos, mas na maioria das vezes, por uma “experiência transformadora” pela busca de um novo sentido à própria vida. A peregrinação, do latim *per agros*, isto é, *pelos campos*, é uma jornada realizada por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado por essa mesma religião. Derivada do latim *peregrinato*, significa o ato de peregrinar, de viajar a lugares santos.

Já o peregrino do latim *pergrinus* refere-se àquele que peregrina, mas também ao estranho, estrangeiro. A peregrinação, portanto, etimologicamente está relacionada com o aparecimento do ‘outro’, do estrangeiro, significando a jornada de uma pessoa a um lugar sagrado, percorrendo caminhos por terras desconhecidas. (CARNEIRO, 2004, p.76)

Para a maioria dos peregrinos, *"caminhar, andar é a melhor forma de sair da mente"*. Embora a forma da trilha mude de cultura para cultura e das diferentes épocas da história, um elemento permanece o mesmo: a renovação da alma. Para muitos, a finalidade expressa da peregrinação é tornar a vida mais significativa em busca de memórias que atuam em um processo de reflexão da sua própria identidade. Através da peregrinação, as pessoas podem encontrar no caminho do divino, o qual acreditam ser a fundamental fonte da vida. Há dois movimentos na origem da peregrinação:

O primeiro seria aquele no qual uma pessoa experimenta de modo individual os fatos que sacralizam um lugar (seja um milagre, uma aparição ou uma invenção revelada de alguma relíquia). O segundo é aquele em que tal experiência se transforma em um movimento essencial de emoção coletiva. (CARNEIRO, 2004, p.78).

O eixo da peregrinação é traçar uma rota de testes e escolhas, provações e obstáculos, a fim de chegar a um lugar sagrado e tentar desvendar o segredo do seu poder. É por meio da partilha desse território sagrado que as pessoas chegam não somente a descobrir a ideia de sua origem e o seu destino, mas a têm experiências que revelam o significado de suas vidas através de suas memórias. Conforme Nora (2012), a duas formas em que a memória permite transportar o passado para o presente é através da *Menemonia*<sup>1</sup>.

Um processo de despertar e se transformar que precisa ser experimentado diretamente, de modo que cada um tem de fazer por si mesmo. A experiência e o caminho do sagrado são similares porque elas jorram da mesma fonte e essa fonte é o desejo na busca de um novo redescobrimto da identidade. A memória não se produz apenas a partir dos acontecimentos presenciados, mas, também, da soma de signos ofertados pelas mídias.

De acordo com Barbosa (2019), nossa experiência se desenvolve no tempo, os conectores históricos permitem que possamos acessar os restos do passado, a cultura material, a memória vivida, a sequência de gerações – produzindo identidades narrativas em direção a uma construção do tempo, por nossa ação no presente que produz identidades narrativas que se materializam em ações textuais.

Segundo Pollak (1989), a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades.

---

<sup>1</sup> **Menemonia**, é um conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar o processo de memorização. Consiste na elaboração de suportes como os esquemas, gráficos, símbolos, palavras ou frases relacionadas com o assunto que se pretende memorizar

Isso significa fornecer um quadro de referências e de um ponto de referência:

Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação, ou seja, recusar levar a sério o imperativo de justificação sobre o qual se repousa a possibilidade de coordenação das condutas humanas o que significa admitir o reino da injustiça e da violência. (POLLAK, 1989)

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história, permitindo condições para inúmeras interpretações guiado não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, reinterpretando o passado em relação ao presente e também ao futuro. Mas logo que nós voltamos para aquilo que já se desenrolou, sempre nos é possível distribuir as suas diversas partes entre os pontos de divisão do tempo coletivo que encontramos fora de nós, e que se impõem de fora a todas as memórias individuais, precisamente por que eles não têm uma origem em nenhuma delas. Assim, "a verdadeira jornada é feita com fé e a pé", como relatam diversos peregrinos.

Segundo a perspectiva de Turner (1974), os peregrinos, ao deixarem suas casas e comunidades, entram num estado de liminaridade enquanto viajam para o lugar sagrado, de onde retornam às memórias transformadas, para serem reintegrados em suas comunidades de origem.

Reafirmam assim, o esquema básico constitutivo desses rituais: separação, *liminaridade*<sup>2</sup> e agregação. Durante o tempo do deslocamento, se desengajam da estrutura social na qual vivem o seu cotidiano e inauguram uma outra forma de relacionamento social. Neste contexto, as normas cotidianas de *status* social, hierarquia, constrangimentos morais e interação são abandonados em favor do aparecimento de uma associação espontânea de experiências compartilhadas, num ambiente de diferenciação e igualitarismo, a *communitas*<sup>3</sup>.

A filosofia fundamental da peregrinação poderia assim ser resumida em um ritual que é alcançado quando se descobre que "você não é você". Em toda parte, o caminho dos peregrinos é duplo, exterior e interior, contendo o movimento dos pés e da alma, no tempo e no espaço. O relato abaixo de um peregrino deixa transparecer, aponta para uma das formas pelas quais esse fenômeno pode ocorrer:

Cada amanhecer, com sol ou chuva, o Peregrino vai feliz pelos caminhos. Foram 30 dias andando por quase 800 km, às vezes junto a minha irmã, às vezes propositadamente afastadas, para que cada uma de nós pudesse ter seu momento de solidão, pois o Caminho é de introspecção, de reflexão. Como em um filme, vemos a nossa vida passar, nossos erros e acertos. A cada dia vamos praticando o amor ao próximo, a humildade, fé e esperança. É um Caminho de paz. De silêncio. Ah, como o Caminho nos ensina a ouvir o silêncio! Como nos ensina a ouvir os sons da natureza, a respeitá-la e agradecê-la! O Caminho nos ensina a conversar com Deus, seja qual for o Deus de nossa crença (relato escrito no site do Portal do Peregrino). (Sic)

O sentido despertado do sagrado no Caminho, revela a peregrinação como uma experiência que aparece para os peregrinos com o poder de transformar e dar sentidos às suas

---

<sup>2</sup> **Liminaridade** como momento de margem dos ritos de passagem: fazer ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo transitório de "morte" social, para em seguida, "renascerem" e reintegrarem-se a estrutura social.

<sup>3</sup> **Communitas** uma forma de antiestrutura constituída pelos vínculos entre indivíduos ou grupos sociais que compartilham uma condição liminar em momentos especificamente ritualizados.

vidas. O despertar de um sentido sagrado torna as pessoas conscientes de uma vida que consideram mais profunda e significativa. Em suas narrativas, vários peregrinos relatam que o caminho os ajudou a "*varrer vários conceitos, valores e preconceitos*", "*despertando novas percepções e uma nova consciência*". A ideia da metáfora da peregrinação, como uma jornada com um propósito, também é recorrente nos discursos. Além disso, acredita-se que a "*peregrinação celebra a identidade pessoal*", "*conduz à definição de nós mesmos*", tendo o "*efeito milagroso*" de apagar pecados.

O círculo completo é um símbolo da alma - uma imagem da totalidade - e o fim da jornada é tornar-se novamente um todo. A arte de peregrinar é a arte de "*ver o que é sagrado*". O importante da peregrinação "*é aperfeiçoar a si mesmo enfrentando as dificuldades que surgem*". Desta maneira, todas as jornadas, para eles, são rapsódias sob o mesmo tema da transformação e na construção de uma nova identidade. Neste sentido, os elementos de identidade com a peregrinação, segundo os relatos dos peregrinos, não são regidos somente pela religião, mas, sobretudo, por valores e práticas centradas em um ideal de transformação e no compromisso social com o próximo, numa profissão de fé que é traduzida na posição de peregrino. Estas experiências são bastante significativas para os indivíduos, levando-os, por vezes, a expressar sentimentos de renovação física, espiritual, pessoal e social é por isso que alguns peregrinos se referem ao trajeto como "*caminho da transformação*".

Ao retornarem às suas vidas cotidianas, muitos expressam o desejo de tomarem uma decisão, de agirem, ou de serem menos materialistas, de serem mais generosos com os outros, de trazer sua vida espiritual para a prática do dia-a-dia. Outros tomam decisões mais radicais - deixar o emprego, mudar de profissão, se mudar de casa, ou alterar uma relação. Nesta perspectiva os elementos de identidade com a peregrinação, frequentemente acionados pelos peregrinos, não são regidos somente pelo particularismo católico, mas, sobretudo, por valores e práticas centradas no compromisso social com o próximo, numa profissão de fé que é traduzida no "ser peregrino". O valor da experiência é exacerbado, convertendo-se no critério supremo e determinante de um novo tipo de identidade, ou melhor, de uma "*nova consciência de identidade*". Por meio dela, ganham centralidade e se sobressaem as vivências e práticas, o experimentalismo, a expressão das emoções, intuições, crenças difusas e místicas capazes de promover o autoconhecimento e o bem-estar. Talvez faça parte do repensar o individual e o coletivo, o sagrado e o profano, a religião e a magia, as dimensões objetivas e subjetivas da vida social, em novas bases. A história vivida que se apoia em nossa memória conforme Halbwachs (1990, p.60).

Não é a história aprendida, é na história vivida que se apoia a nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. Recriminarão se nós despojarmos esta forma da memória coletiva que seria a história deste caráter impessoal, desta precisão abstrata e desta relativa simplicidade que dela fazem precisamente um quadro sobre o qual nossa memória individual poderia se apoiar.

Um acontecimento não toma lugar na série dos fatos históricos senão algum tempo depois que se produziu. Nossa memória desempenha um papel de divisão e enquadramento do tempo assinaladas em um relógio, ou determinadas pelo calendário.

Halbwachs (1990, p.06), considera, que a memória coletiva é o "*locus*" de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e espaço. Com efeito, para Halbwachs, a identidade coletiva precede a memória, determinando aquela o conteúdo desta, considerando, portanto, que a identidade é estável e coerente. É na sociedade que as pessoas

adquirem normalmente as suas memórias. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias.

Esse conceito pressupõe uma sujeição das memórias individuais aos padrões coletivos, visto que, em última análise, o que recordamos, enquanto indivíduos, é condicionado pelo fato de pertencermos a um grupo. Mas logo que nós voltamos para aquilo que já se desenrolou, sempre nos é possível distribuir as suas diversas partes entre os pontos de divisão do tempo coletivo que encontramos fora de nós, e que se impõem de fora a todas as memórias individuais, precisamente por que eles não têm uma origem em nenhuma delas.

## As narrativas dos Peregrinos

Para Walter Benjamin (1994), a narrativa se refere à experiência que se torna fonte de histórias orais. São falas que contém um ensinamento, uma sugestão, um provérbio ou conselho. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria está em extinção.

Vivemos em um mundo onde a pressa tomou conta da nossa rotina tornando os momentos de bate-papo, conversas informais e vivências em grupo, que são os elementos propícios para o desenvolvimento da narrativa, cada vez mais escassos. Se por um lado antigamente era comum as pessoas se reunirem nas salas de estar para um café da tarde e longas conversas sobre suas vidas, atualmente os momentos para conversar são nos intervalos das aulas, do trabalho, dos afazeres.

O modo de viver mudou, estamos com mais pressa, mais atarefados e com menos tempo. E o modo de conversarmos teve que se adaptar a esta mudança. Para Benjamin (1994), é como se estivéssemos cada vez mais privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Para ele, uma das causas deste fenômeno é estarmos pobres em experiência comunicável, aquela transmitida de boca em boca. Prezamos muito pela informação e pouco pelo conhecimento experimentado, vivenciado. Talvez as experiências estejam deixando de ser comunicáveis. Cada manhã receberam notícias de todo o mundo e, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: *“quase nada do que acontece está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação”* (BENJAMIN, 1994, p.203).

Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. *“Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”* (BENJAMIN, 1994, p.203).

A informação, marca da contemporaneidade, só tem valor enquanto é nova. No momento frenético em que vivemos tudo se torna descartável e apenas o imediato tem importância. O maior exemplo da descartabilidade e da superação das coisas está na tecnologia, pois não cessam as inovações em aparelhos eletrônicos, computadores, celulares e outros. A tecnologia é o maior veículo de obtenção da informação: as fotografias, filmagens, videoconferências, mensagens de celular, salas de bate papo, messengers e sites da internet nos fornecem grande parte das informações com as quais entramos em contato diariamente. Se por um lado torna-se cada vez mais fácil, e até instantâneo, saber o que se passa do outro lado do mundo, por outro lado, o interesse sobre tais informações duram apenas o tempo necessário para a leitura das manchetes.

Para Silva (2013), as mídias, ao trazerem suas narrativas, colocam-nas como parte do cotidiano. São formas a serem pensadas como mecanismos de representação da vida comum. Entretanto, não cabe a estes veículos trazer as narrativas apenas como a reprodução do cotidiano, mas, sobretudo, como um modo de reinventar o corriqueiro, de transformá-lo, de dar-lhe novos sentidos e de plantar novas práticas. “*Estas narrativas “conservam” suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver*” (BENJAMIN, 1994, p.204).

Elas não estão interessadas somente em transmitir “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. O que se transmite através da narrativa está longe de ser algum dado quantificado ou uma nova teoria científica, pois está impregnada com a experiência de vida do narrador, que nela imprime a sua marca.

Esta marca é algo que se perpetua no tempo e difere a narrativa da informação. São marcas como lendas, mitos, memórias e histórias que carregam os valores, costumes e cultura de quem as contam. A narrativa, portanto, contém em si uma relação entre o ouvinte e o narrador que diz respeito à tradição, à conservação do que é narrado. Do ponto de vista comunicacional, o peregrino narra à experiência.

De acordo com Silva (2013), narrar é comunicar, é uma tentativa de “mediar” esta experiência. Portanto, o peregrino se torna um mediador, ao viver a experiência e depois narra-la. A narrativa também é um modo de organização e perenização da memória. Narrar é dar sentido a experiência. Partindo desse pressuposto, surgem novas perspectivas nas análises e observações das narrativas feitas pelos peregrinos em sites, ambientes virtuais e a criação de uma rede nacional de pessoas interessadas em trocar e divulgar informações bem como ver narrativas de peregrinos que fizeram o Caminho de Santiago de Compostela.

As relações de comunicação, que se estabelecem via internet principalmente sob a forma de intercâmbios que ali ocorrem tendo como objetivo principal o Caminho de Santiago de Compostela, permitem a observação das narrativas dos peregrinos dentro de um espaço virtual que agora abre uma relação de sociabilidade construída por essa via. Embora a discussão sobre esse assunto não seja inédita, ainda é um campo embrionário, tendo em vista que as redes sociais representam uma mudança sociocultural tão profunda quanto é significativa. A comunicação via internet possibilitou a criação e desenvolvimento de novo espaço público, onde o sujeito vive a possibilidade da ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e o outro. A questão explorada diz respeito não só as características midiáticas da internet que afeta diretamente a comunicação, como também sobre a natureza das relações propiciadas por esse meio de comunicação.

Estamos, assim, diante da temática das relações sociais e da defesa de visões de mundo, *ethos* e valores, “*religiosos*” ou não, com o enfrentamento e oposições que acarretam, mas agora em um novo formato e em um novo ambiente desenhado por uma nova tecnologia. No espaço virtual, os encontros ocorrem impulsionados por iniciativas individuais, advindas de vontades, interesses, por parte daqueles que participam da peregrinação e daqueles que tem o desejo de conhecer o Caminho de Santiago de Compostela e daqueles que querem manter viva a peregrinação conforme o discurso da maioria dos participantes pesquisados. Nas redes das comunidades virtuais que se formam, as pessoas se encontram de maneira espontânea para conversar, trocar informações através da digitação de frases curtas e em geral em poucas linhas, sobre temas relacionados basicamente sobre a sua peregrinação, tais como narrar suas experiências, suas dificuldades, o que levar de equipamentos, tipo de calçado, etc. Normalmente o primeiro contato no grupo de discussão se dá com uma breve apresentação, como por exemplo;

Olá, sou nova na rede e gostaria de me apresentar. Meu nome Rosângela, sou mineira, moro em São Lourenço, sul de Minas e tenho 32 anos. Já algum tempo penso em fazer o Caminho de Santiago de Compostela e agora quero fazer no início do ano que vem. Ao fazer uma pesquisa na internet, descobri



esse chat para ter mais informações de pessoas que já fizeram o Caminho. Conversei com o Sr. Macio Marcondes, ele me informou que existe reuniões que são realizadas uma vez por mês e é possível tirar as dúvidas. Caso eu não consiga ir, nos falamos pelo chat para? algumas dicas. Abraço (Rô, 42 anos). (Sic)

No geral os peregrinos que já fizeram a peregrinação supostamente já têm uma experiência que podem contribuir com os novatos, respondendo perguntas, explanando as dificuldades e passando um panorama de seus principais momentos durante a caminhada. Embora haja uma predominância das pessoas que acham que a *“experiência no Caminho é única e que cada um vive o que tem para viver”*, dificilmente alguém deixa de dar a sua opinião sobre o assunto quando abordado.

Muitas vezes os debates giram em torno das transformações pessoais ocorridas, principalmente após a realização da peregrinação, dando margem a valorização do autoconhecimento. Existe uma rotatividade muito intensa nos chats e a participação é intensa, normalmente associada à época da peregrinação. Os novatos, ou candidatos a fazerem o caminho tem uma participação mais ativa até a data de partida para o Caminho, quando pedem o seu desligamento temporário.

Muitos voltam ao chat quando retornam da viagem e outros, embora voltem a participar já não fazem com a mesma frequência. Uma das forças articuladoras da comunicação via internet parece residir no fato de constituir uma esfera pública não sujeita a regulamentações externas. O que poderia chamar de estatuto ético das comunidades virtuais estaria assentado em valores, crenças, motivações e interesses.

Na ausência de uma ordem, os indivíduos navegam consignados em escolhas individuais ou de grupo. Portanto, são comunidades que constroem também suas estruturas de conhecimento e narrativas. Há uma troca de ideias intensa entre os participantes do chat a respeito dos mais diversos assuntos, bem como uma preocupação constante em apoiar aqueles que procuram auxílio. O incentivo mútuo é uma constante nas relações estabelecidas, sendo comum a troca de cumprimentos entre os participantes do grupo em diversas ocasiões durante o caminho e é comum quando se encontram dizem a palavra *“ultreya”* que significa *“(a alegria de ter alcançado o objetivo), mas também significa (siga em frente), (com fé e perseverança, não desista)”*, é uma palavra de incentivo ao peregrino. Algumas situações desagradáveis podem acontecer durante a peregrinação. Foi relatado no chat esses acontecimentos como noticiado a morte de um peregrino durante o percurso, e foi dramática a forma como se soube, levaram quase um mês de busca da morte de um peregrino chamado Carlos de Assis. Sendo informado no chat através de um mediador em outubro de 2019:

Hoje morreu o peregrino chamado Carlos de Assis. Os peregrinos se encontram tristes. No Alto do Pirineus na parte espanhola debaixo de um barrando, foi encontrado o seu corpo. Não se sabe o que ocasionou a sua morte, estamos todos de luto. Carlos fazia esse caminho pela segunda vez e ele havia dito a seus familiares que essa seria a sua última experiência. Parecia que ele já estava prevendo. Que Santiago o conduza para o melhor caminho por todo o sempre. Que Deus te acompanhe, peregrino, (Ricardo Jose Gonçalves, 44 anos). (Sic)

Percebemos que os temas recorrentes sobre o Caminho são apresentados dentro do que poderíamos chamar de estrutura através do qual outros bens também circulam e são intercambiados. Não se fala em uma identidade, mas em muitas identidades, pois representadas pela linguagem, pelos sistemas simbólicos e produção material pelos quais adquirem sentido, as identidades são construídas através do compartilhamento de ações e

crenças em comum. Desta forma são criados e estabelecidos laços sociais que permitem ligar pessoas, que sem eles seriam simplesmente indivíduos isolados sem nenhum sentimento de terem qualquer coisa em comum (Hall, 2015).

Consideramos a comunidade virtual criada a partir das relações sociais estabelecidas através da participação no grupo de discussão sobre o Caminho de Santiago uma nova forma de sociabilidade. O encontro virtual parece concretizar um encontro real, criando relações interpessoais através do interesse pelo Caminho.

Na análise das narrativas dos peregrinos brasileiros, percebi um aspecto de várias situações que vão desde a mais estritamente religiosa, até vagas razões de tipo “*espiritual*”, como procurar “*paz com sigo mesmo*”, ou “*simplesmente passar o tempo refletindo*”. Como podemos perceber no depoimento abaixo:

Fui para Santiago buscando me aproximar de Deus pai, quero ir além do poder da Igreja e do julgamento final ( Mauricio, 46 anos ),.. (Sic)

Quis agradecer pois queria outro filho, já que a primeira tentativa não pode acontecer. Tive que passar por uma intervenção cirúrgica e quando a fiz percebi que estava grávida. Foi um erro médico sem precedentes [...]. Ela nasceu de sete meses, com diabetes e com um fissura na boca [...]. (Sic)

Hoje ela está bem depois de várias cirurgias. Aprendi muito com essa situação, de entender o sofrimento e eu não sei daqui para fazer penitências. Quis fazer o Caminho para ser feliz, eu queria me descobrir [...]. Eu queria ouvir a mim mesma. (Bernadete Santos, 34 anos) (Sic)

O Caminho é um pretexto para quem precisa se dar um tempo, uma oportunidade para recolocar os valores em seus devidos lugares, identificar as atitudes e as pessoas que roubam frequentemente a sua energia. Um lugar para confirmar o amor e agradecer ao universo pelas bênçãos recebidas (Marco Antônio ,45 anos), (Sic)

Entre as motivações estão os aspectos culturais, lazer, diversão, esportivo e outras, nas quais não aparece nenhuma vinculação inicial com a questão religiosa/espiritual.

Estava procurando um destino para as minhas férias em um lugar diferente, ao mesmo tempo conhecido (morei algum tempo na Espanha). Queria umas férias inesquecíveis. Queria tanta coisa que acabei me decidindo para uma viagem em busca de algo espiritual. Então resolvi fazer o Caminho de Santiago por várias razões e nenhuma em específico. Acredito ser o “chamado”. ( Olga, 27 anos) (Sic)

Assim o Caminho assume múltiplos sentidos e finalidades, como diz uma peregrina:

Não posso dizer que o maior motivo tenha sido religioso. Acredito honestamente que uma das motivações foi o desafio de andar a pé os 800 km, o turismo barato, percorrer um caminho milenar que, em certos trechos, parece que parou no tempo, por aventura, por uma troca de cultura, e por último ficou o motivo religioso. ( Rose, 27 anos), (Sic)

A associação do Caminho com o turismo (“*queria férias diferentes*”) aparece em distintas narrativas, bem como o aspecto de ser “*um turismo barato*”. Por outro lado, surge também o aspecto histórico-cultural: (“*ouvi diversos mitos e história a respeito*”), (“*queria*

*conhecer a sua história e sua arquitetura”), (“pela ideia de percorrer um Caminho histórico”).*

Interessante destacar uma expressão utilizada por um dos peregrinos, em que aparece claramente a relação entre o turismo e o esoterismo:

Inicialmente eu pensei que estava fazendo um turismo esotérico, porem no final pude ver que é fundamental para a vida e que todos deveriam fazer algo parecido. (Clarisse, 2018) (Sic)

De acordo com Steil (2008), podemos distinguir duas estruturas de valores e sentidos associados ao campo da peregrinação e do turismo, mas no nível empírico, esses campos aparecem sempre distintos, tornando suas fronteiras bastante fluidas e indefinidas. Não podemos considerar como experiências únicas, mas sim estruturas de significados que se articulam, dando origem a múltiplas possibilidades e combinações. São lógicas que surgem em determinadas situações, dando aos eventos diferentes configurações e sentidos (STEIL, 2010).

Dessa forma podemos ver, ligado ao campo religioso, significados e valores relacionados ao turismo que, algumas vezes, podem criar uma tradição da peregrinação, onde produz outro evento, que poderíamos chamar de “turismo religioso”. Em vez de focalizar o turismo como um elemento exterior ao campo religioso que poderia certamente deturpar um sentido “original” da peregrinação, compreendi a sua emergência com uma expressão da moderna “peregrinação”, como proposto por Steil (2008). Particularmente ao analisar no âmbito das motivações, surgiram discussões a respeito da busca interior, do sentido da vida e da necessidade de atualizar os valores e princípios básicos atribuídos pelos peregrinos a peregrinação, trazendo também a luz questões referentes ao tema das identidades estrategicamente construídas através das “biografias” ou “trajetórias” e de um *ethos* e visão de mundo específica. O caminho permite ao peregrino uma construção dos sentidos, eles descrevem as suas motivações e descrevem dentro das narrativas a memória e sua história ao longo de suas vidas.

## Considerações Finais

O fenômeno da peregrinação na sociedade contemporânea apresenta ligações com as mídias digitais, colaborando para a disseminação de novas formas de se vivenciar o sagrado, em conjunto com a produção de novas subjetividades. As modalidades de peregrinação, como as do Caminho de Santiago de Compostela, aparecem como propiciadoras de uma experiência ligada ao projeto de autoconhecimento. As narrativas, por sua vez, não poderiam deixar de existir, apresentando-se como reafirmação e mobilização das transformações em si, propiciadas pela experimentação do caminhar, ou, talvez, por um acontecimento comunicacional, a partir do qual haverá uma mudança significativa, ainda que não definitiva, tal como as subjetividades, que se modificam conforme mudam os enredos e os atores com os quais se atua.

Nos relatos presentes nos grupos públicos do Facebook do Caminho de Santiago de Compostela, a estrutura narrativa convencional permanece quase inalterada: há um narrador, enredo, tempo, espaço, personagens. A diferença proporcionada pelo suporte digital é que, como uma marca da contemporaneidade, as narrativas são mais sintéticas, condensadas e até superficiais, o que atende a necessidade atual de agilidade, rapidez e leveza.

Muito embora, por vezes, o Caminho se torne o protagonista e até mesmo o antagonista, o centro da narrativa é o sujeito que narra, com suas impressões, seus motivos, sua vivência e sua busca por mudança – o centro é o eu. As diferenças narrativas apresentadas pelos peregrinos falam, quase todas, de um antes e de um depois, uma transformação que parece ser também, o elemento que leva a própria narrativa ao ato de narrar, ou seja, não basta sentir essa transformação, é necessário comunicá-la ao mundo, incentivar outros que empreendam as suas jornadas e construam a sua própria narrativa rumo ao encontro de um sujeito andarilho, que gastará a sola de seus sapatos para ter o que contar. Desta forma, as narrativas configuram-se como um registro da experiência de peregrinar, cujo objetivo final é ser ponte para o outro, em busca de compartilhamento, em uma questão própria que visa validar aquilo que foi vivido.

Compartilhando a narrativa, vivesse mais uma vez a própria experiência, incitando se uma espécie de conversação, ou qualquer modo, seja oral, escrita ou compartilhada pelas redes sociais, a narrativa segue, permeando caminhos como se construído uma ponte entre sujeitos que se confraternizam, fornecendo parte da realidade, criticando-a e criando outros mundos possíveis.

## Referências

- BARBOSA, Marialva. **Comunicação, História e Memória: diálogos possíveis.** : Matrizes. 13 v.13 - n.1 jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/157646/152952>
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. **Rumo a Santiago de Compostela: os sentidos de uma moderna peregrinação.** 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGSA/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. **No Caminho de Santiago de Compostela: significados e passagens no itinerário comum europeu.** Apresentado na IV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL - Curitiba, Paraná, Brasil, de 11 a 14 de novembro de 2001. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/estudos/sandra.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.
- FABRE, M. **História da comunicação.** Trad. Liliane e Duarte Nuno Simões. Lisboa: Moraes Editora, 1980. 94p.
- HALL, Stuart – **A identidade cultural na pós modernidade** - 11ª Edição., Editora DP&A - 11ª Edição – Rio de Janeiro, RJ – 2006
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990. Disponível em: [https://www.academia.edu/36730153/A\\_Memoria\\_Coletiva\\_-\\_Maurice\\_Halbwachs](https://www.academia.edu/36730153/A_Memoria_Coletiva_-_Maurice_Halbwachs)
- HELLER, Barbara e PERAZZO, Priscila. **Lembrar para esquecer: diários e memórias do Holocausto.** *Contracampo.* Rio de Janeiro, v.35, n.1, 2016 <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17563/pdf>
- NORA, Pierre. **Entre Memória e história: A problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>.

- PERAZZO, Priscila e CAPRINO, Monica. **História oral e estudos de comunicação e cultura**. Revista Famecos Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 801-815, set./dez. 2011. Disponível em: <http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/247/2/10385-37636-1-PB.pdf>
- POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 27 Maio 2019.
- SILVA, Míriam Cristina Carlos. **João da Filmadora e as narrativas midiáticas** – Texto para Revista Culturais Midiáticas, Sorocaba – SP - 2013.
- SOUZA, Gustavo. **Trauma, narrativa e memória no documentário Ônibus 174**. Porto Alegre: Revista Famecos, v. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30581/17966>
- STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. “**Peregrinação, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil**”. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124, 2008.
- STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. **Ecologia, nova era e peregrinação: uma etnografia da experiência de caminhadas na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul**. Debates do NER, Porto Alegre, UFRS, v. 11, n. 17, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/17173/10100>
- STUART, Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: De Paula Editora, 2006.
- TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.